CS-P amastigotas de L. otmailsto foi calculado de acordo com o experimento, sendo de aproximadamente 74 μg/ mL.

Conclusão: O extrato vegetal a base de folhas de C. pectabilis age como tratamento fitoterápico eficaz no tratamento de lesões de LT.

Palavras-chave: leishmaniose tegumentar extrato vegetal inibidor de proteases formulação de biomoléculas

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103525

DIVERSIDADE DE CARRAPATOS E INFECÇÃO NATURAL POR RICKETTSIA EM REMANESCENTE PRIMÁRIO DE MATA ATLÂNTICA NO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL

Isabella Pereira Pesenato[a,*], Jaciara de Oliveira Jorge Costa[a], Maria Carolina de Azevedo Serpa[a], Herbert de Sousa Soares[b], Thiago Fakelmann[a], Giovanna Stefani Nosberto Castelli[b], Thiago Fernandes Martins[c], Marcelo Bahia Labruna[a], Fernanda Aparecida Nieri Bastos[d], Arlei Marcili[b]

[a] *Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil;*
[b] *Universidade Santo Amaro (UNISA), São Paulo, SP, Brasil;*
[c] *Instituto Pasteur, São Paulo, SP, Brasil;*
[d] *Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, SP, Brasil*

Introdução: Os carrapatos são ectoparasitas hematófagos obrigatórios que parasitam diversos vertebrados, incluindo o ser humano. São vetores de diversos patógenos e o gênero Amblyomma possui grande importância em saúde pública por transmitirem as diferentes espécies do gênero Rickettsia. As riquétsias são bactérias causadoras de enfermidades graves em humanos. O objetivo do estudo foi mapear a área de Mata Atlântica primária na Reserva Legado das Águas – Votorantim no Vale do Ribeira – SP, para carrapatos vetores e riquétsias, com a finalidade epidemiológica.

Métodos: As capturas foram realizadas de 01/2018 a 12/2021. Os carrapatos foram coletados de pequenos mamíferos capturados em armadilhas do tipo Shermann e Tomahawk. Os carrapatos obtidos de humanos foram retirados dos humanos após o retorno das trilhas. Os espécimes de vida livre foram coletados através de inspeção de folhagens, e todos os indivíduos foram identificados através de chaves dicotômicas. A extração de DNA foi feita utilizando a técnica de isotiocianato de guanidina e a detecção de riquétsias através de qPCR e cPCR utilizando como alvo os genes gltA e ompA. Após esta etapa os amplicons foram sequenciados e submetidos a análise de similaridade pelo BLAST.

Resultados: Foram coletados 2.669 espécimes de três gêneros e 13 espécies, e a única espécie encontrada parasitando humanos foi Amblyomma incisum. Dos carrapatos coletados, 6.8% foram positivos para Rickettsia nos genes testados. A análise de similaridade identificou três espécies infectando carrapatos: Rickettsia bellii, em Amblyomma ovale, Amblyomma brasiliense, Ixodes loricatus e Haemaphysalis juxtakochi; Rickettsia parkeri cepa Mata Atlântica em A. ovale e Rickettsia rhipicephali em Há. Juxtakochi.

Conclusão: A área de estudo é constituída por mata primária com grande densidade e diversidade de mamíferos refletindo diretamente na densidade e diversidade de carrapatos identificados. A espécie mais abundante foi A. incisum, única encontrada parasitando humanos, negativa para a infecção por Rickettsia. R. parkeri cepa Mata Atlântica causa Febre Maculosa branda em humanos e foi detectada em A. ovale, única espécie incriminada na transmissão dessa doença. As demais espécies de riquétsias detectadas não apresentam relatos de doença em humanos. As áreas preservadas possuem menor circulação de riquétsias quando comparado a áreas com antropizadas, estando a doença intimamente relacionada ao desmatamento e urbanização de ambiente naturais.

Palavras-chave: Biologia Molecular Febre Maculosa Ectoparasitas

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103526

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A COBERTURA VEGETAL DA AMAZÔNIA E O NÚMERO DE CASOS DE MALÁRIA NO NORTE, NORDESTE E CENTRO-OESTE DO BRASIL ENTRE 2010 E 2018

Luísa Mayan Ventin Covre[a,*], Gabriela Barreto Espinheira[a], Bruna Ribeiro Nery[a], Ianne Acássia Rapôso Duarte Costa[a], Maria Tereza de Sá Sarmento[a], Daniel Costa Cordeiro[a], Maria Eduarda Trindade Guimarães Magalhães[a], Marlon Borges do Nascimento Júnior[a], Maria Eduarda Nogueira Conti Burgos[a], Mayane Macedo Pereira dos Santos[b]

[a] *Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), Salvador, BA, Brasil;*
[b] *Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil*

Introdução/objetivo: Os surtos de zoonoses resultam de questões socioeconômicas e ecológicas, como a diminuição da cobertura vegetal. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010 a 2018, um dos biomas mais degradados foi a Amazônia. Assim, é possível que a alteração na vegetação local possa impactar na morbidade por zoonoses, inclusive pela malária, nas regiões próximas ao bioma. O trabalho visa comparar a progressão da perda da cobertura vegetal amazônica com o número de casos e internações por malária, de 2010 a 2018 nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo e descritivo, com dados secundários do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN/SUS) e do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS), disponíveis na plataforma DATASUS. As variáveis utilizadas foram número de casos e internações por malária nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, de 2010 a 2018. Os dados relacionados à perda da cobertura vegetal na Amazônia foram retirados do IBGE.

Resultados: No período de 2010 a 2018 houve uma redução de 75.562 km2 de vegetação florestal, representando redução de 2,3% de área. Nesse mesmo período, nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, houve uma diminuição de 61% nas internações por malária entre 2010 (5259) e 2018 (2049). Destaca-se que o menor valor de internações ocorreu em 2015 (1647), enquanto o maior foi em 2010. Quanto aos casos confirmados, houve 745 casos em 2010 e 347 casos em 2018, representando uma redução de 53%. O ano de 2010 foi o com maior número de casos, enquanto o ano de menor número foi 2016, com 162. Percebe-se também um novo aumento de casos entre 2016 e 2018, de 114%.

Conclusão: Houve uma diminuição do número de casos e internações por malária de 2010 a 2016 nas regiões estudadas, acompanhando a redução global da incidência da zoonose, apesar da progressão da perda da cobertura vegetal amazônica. Essa redução possivelmente se deu pelo maior estímulo a prevenção da doença com aumento do número de testes rápidos e distribuição de mosquiteiros com inseticidas, e tais medidas podem ter efeitos benéficos que se sobressaíram aos danosos da degradação ambiental. Ademais, o aumento do número de casos a partir de 2016 pode estar associado ao afrouxamento das medidas preventivas. Assim, percebe-se a importância de reforçar políticas públicas de continuidade do controle e da prevenção da doença, bem como de proteção ambiental.

Palavras-chave: Malária Amazônia Cobertura vegetal

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103527

EPIDEMIOLOGIA DA DOENÇA DE CHAGAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE NO PERÍODO ENTRE 2018 A 2022

Vítor Ferraz Silva Tacconi[a,*],
Juli Sergine Tavares Teixeira Saldanha[a],
Thayná Amorim Melo[a],
Tereza Suyane Alves de França[a],
Arthu Linniker Lopes de Oliveira[a],
Gilmar da Silva Cordeiro[b], Igor Thiago Queiroz[c]

[a] *Universidade Potiguar (UnP), Natal, RN, Brasil;*
[b] *Programa de Controle da Doença de Chagas (SESAP/RN), Natal, RN, Brasil;*
[c] *Hospital Giselda Trigueiro (SESAP/RN), Natal, RN, Brasil*

Introdução/objetivo: A Doença de Chagas (DC) é uma doença endêmica no Brasil, principalmente em regiões de clima semiárido, mas devido ao maior número dos movimentos migratórios, essa patologia tem deslocado seu eixo epidemiológico e desafiado os órgãos de saúde pública. Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo analisar as características epidemiológicas da DC no Estado do Rio Grande do Norte, nos últimos 5 anos.

Métodos: Estudo retrospectivo e descritivo, o qual mostrou uma análise epidemiológica da DC no Estado do Rio Grande do Norte. Foram utilizados base de dados secundários da Subcoordenadoria de Vigilância Epidemiológica (SUVIGE) da Secretaria Estadual da Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Norte (SESAP/RN) e do SINAN, do DATASUS e do Departamento de Análise de Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis para fazer o levantamento das informações.

Resultados: No estado do Rio Grande do Norte entre os anos de 2018 a 2022, foram notificados 495 casos de DC crônica. Nesse período, registrou-se 107 óbitos (letalidade de 21.61%), com grande predominância na 2° Unidade Regional de Saúde Pública (a qual abrange 26 municípios da região oeste do estado, com sede no município de Mossoró), com 52 óbitos (quase 50% dos casos). Observa-se que um pouco mais de $^{1}/_{5}$ foram os registros de morte em comparação aos registros de casos. Bem como, verificou-se predominância do sexo masculino, o qual também obteve maior número de óbitos com $^{2}/_{3}$ das ocorrências. Em torno de 24,2% das mortes acontecem na faixa etária dos 50 aos 59 anos. No entanto, também há registros de óbitos em pessoas a partir dos 35 anos, o que mostra uma redução na expectativa de vida da população em idade produtiva. As medidas de tendência central dos dados apresentaram uma média de 99 registros/ano, mediana de 90 registros e desvio padrão de 35,82, o que representa uma assimetria na distribuição dos dados, e pode ser resultado de uma diminuição no registro dos casos DC no período da pandemia (2020 e 2021).

Conclusão: A DC no Estado do Rio Grande do Norte é responsável por vários óbitos anualmente em grupos de indivíduos que ainda estão em fase produtiva. Ser do sexo masculino, ter idade entre 50 e 59 anos e ser residente da mesorregião do Oeste Potiguar revelou ser fator de risco associado a maior chance de óbito do DC. Estratégias de saúde pública com ações mais efetivas na região de Mossoró e no seu entorno são necessárias a fim de melhorar o controle da DC nessa região.

Palavras-chave: Doença de Chagas Rio Grande do Norte Epidemiologia

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103528

EPIDEMIOLOGIA DA LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA NO NORDESTE BRASILEIRO ENTRE 2013 E 2022: UM PROBLEMA DE SUBNOTIFICAÇÃO?

Laura Santana de Alencar[a,*], Isabela Kawao Bredariol[b],
Vinícius Moreira Pacheco de Souza[b],
Rafaele Maria Araújo de Sena Pino[a]

[a] *Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), Maceió, AL, Brasil;*
[b] *Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL, Brasil*

Introdução/objetivo: A Leishmaniose Tegumentar Americana(LTA) é uma doença endêmica nas Américas que atinge camadas mais vulneráveis da sociedade e, portanto, é sistematicamente negligenciada. O Brasil é o país americano com maior número absoluto de casos de LTA, uma doença de notificação compulsória segundo a Portaria MS n. 1.271, de 6 de junho de 2014. O diagnóstico precoce, tratamento adequado, controle dos vetores e reservatórios e ações educativas são imprescindíveis para a redução dos casos dessa doença. Esse estudo tem como objetivo descrever a